



**SOCIEDADE  
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

# **VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**

**19 a 22 Junho 2012**

**Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação**

---

ÁREA TEMÁTICA: Direito, Crime e Dependências

---

**TRAJECTÓRIAS DE CONSUMIDORES DE DROGAS: É POSSÍVEL RECONSTRUIR A IDENTIDADE ESTIGMATIZADA?**

---

QUEIROZ, Maria Cidália

ISSSP

cidalia.queiroz@issp.pt



#### Resumo

Quem recusa uma visão determinista dos comportamentos individuais e dos factores que os ocasionam terá que colocar os seguintes problemas: como desencadear a construção de uma identidade positiva, valorizada, normativa e integrada em indivíduos que vivem na pobreza, são socialmente desinseridos e descrêem profundamente de si próprios? Como dotar os toxicodependentes de instrumentos que os façam significar a realidade, rompendo com as racionalizações que aprenderam a construir no grupo de pares? Como propiciar a indivíduos socialmente desarmados vivências que induzam a descolagem de modos de vida estruturados?

A resposta a estas questões funda-se no estudo das condições de existência e modos de vida de indivíduos em tratamento de substituição, cujos consumos se iniciaram na adolescência. A administração de um inquérito aos utilizadores de dois Centros de Respostas Integradas permitirá explorar a hipótese de as práticas de consumo de drogas terem significados consideravelmente distintos, consoante se trata de jovens originários das classes médias e altas ou de jovens das classes populares e do subproletariado.

Há fundamentos para admitir que a crise dos laços sociais tem implicações mais complexas nos indivíduos originários de famílias privadas de recursos fundamentais em todas as dimensões cruciais da inclusão social. Será que nestas situações o tratamento de substituição promove a interacção essencial entre a intervenção psicossocial e a farmacológica?

#### Abstract

One who refuses a determinist vision of behaviors and of the factors that cause them has to consider the following problems: how to launch the building of a positive, valued, normative and integrated identity in individuals who face social detachment and have a deep disbelief in themselves? How to endow drug-addicts with the tools that allow them to signify reality, giving an end to rationalizations they learned to build inside their peer group? How to induce the removal from structured ways of life in socially disarmed consumers?

The answer has to be based on the study of the conditions of existence and the ways of life of individuals whose consumptions started in their adolescence and who are engaged in drug-substitution treatment. The administration of a survey to two Centers for Integrated Responses' users will allow us to explore the hypothesis of the practices of drugs consumption having considerably different meanings, if the problem is of youngsters born in the medium or high classes or youngsters coming from the popular and sub-proletarian classes.

There are grounds to admit that the crisis of social links have more complex implications in individuals coming from families deprived from basic resources, exposing them to a deep vulnerability in all crucial dimensions of social insertion. Is it possible that, in these situations, the substitution treatment promotes the essential interaction between the psychosocial intervention and pharmacological intervention?

Palavras-chave: toxicodependência; trajectórias de consumo; desinserção social; tratamento; programa de substituição;  
Keywords: addiction; trajectories of consumption; social detachment; treatment; drug substitution program;



## ***Introdução***

Este artigo pretende contribuir para a reflexão sobre os modos de tratar a toxicodependência, recorrendo aos dados recolhidos por via de um inquérito por questionário administrado aos utilizadores de dois CRI (Centro de Respostas Integradas) do distrito do Porto. O objectivo inicial era obter uma série de medidas que permitissem verificar a hipótese implícita de a droga ser um fenómeno transversal a todas as classes sociais. Recorrendo a indicadores adequados à medida da classe social, pretendia-se dar conta da distribuição do fenómeno na população em geral e detectar possíveis regularidades objectivas atribuíveis à condição social de origem dos consumidores de drogas. Ora, o contacto com o terreno na administração do questionário permitiu desde logo verificar que os utilizadores dos CRI são preferencialmente provenientes das classes e fracções de classes menos ricas nos vários tipos de capitais relevantes para o posicionamento nas hierarquias sociais<sup>1</sup>. A continuação destas medições em muitos outros CRI não garantirá a representatividade das classes e fracções de classe socialmente melhor posicionadas, caso parte significativa dos consumidores de drogas com essa proveniência não utilize este serviço. Procuraremos contornar esta dificuldade prosseguindo a aplicação do inquérito em instituições que supostamente acolhem indivíduos de proveniência social mais elevada, desde logo pelo custo económico do ingresso. O tratamento dos dados já recolhidos permite discutir a questão de as práticas de consumo de drogas terem significados consideravelmente distintos, consoante se trata de indivíduos originários das classes médias e altas ou de indivíduos das classes populares, assumindo o carácter de uma engrenagem particularmente dramática entre os que estão expostos a uma vulnerabilidade profunda e multifacetada.

## ***Trajectórias de consumo***

Na totalidade dos 582 entrevistados, destaca-se com grande preponderância a representação do género masculino (87,1%) por comparação com os 12,9% do género feminino. Em termos de idades, registamos a prevalência das idades acima dos 30 anos, já que 41,4% têm mais de 40 anos e 45,4% estão entre os 30 e os 40 anos. Somente 13,2% dos inquiridos têm menos de 30 anos (Q.1). Os dados assinalam que, em média, os inquiridos se iniciaram no consumo por volta dos 16,8 anos ( $dp = 4,9$  anos), sendo que uma análise mais desagregada permite constatar que aos 15 anos, uma larga percentagem (43,4%) já se havia iniciado nessas práticas, que 36,3% o fizeram entre os 16 e os 18 anos, que 13,5% entre 19 e os 24 anos, que entre os 25 e os 30 anos apenas 4,0 % dos entrevistados e que, finalmente, apenas 2,8% tomaram o primeiro contacto com a droga entre os 31 e os 46 anos (Q.2). Uma tal regularidade objectiva permite conjecturar a hipótese de a idade constituir um factor de risco relevante no iniciar o consumo. A informação respeitante à tomada de contacto com as drogas parece confirmar a hipótese de Becker (1985) de que não é a motivação que leva a consumir, mas a prática do consumo que cria a motivação. Dos depoimentos dos entrevistados sobressai a importância das relações sociais no desencadear do processo de consumo, em especial com os amigos, o namorado/a, o cônjuge, colegas do trabalho e a tropa (89,9%, Q.3).

Incontornável no estudo da toxicodependência, este sociólogo assinala a necessidade de proceder a uma ruptura epistemológica com a interpretação que atribui os consumos de drogas a motivações individuais ou à psicopatologia do indivíduo e de passar a considerar as interacções no seio de um grupo como factor determinante da aprendizagem do comportamento. Na sua óptica, o fenómeno da droga integra duas dimensões, uma delas que remete para o processo de alguém se tornar consumidor e a outra para o facto de ser considerado uma actividade desviante. Quanto ao processo que conduz o indivíduo a tornar-se consumidor, sublinha a necessidade de romper com a ideia de senso comum que consiste em atribuir o acto a características individuais, tais como o carácter fraco que recusa encarar a realidade de frente, os problemas relacionais com os pais, uma desregulação psíquica ou uma natureza perversa, para focar a análise no jogo de interacções em que o indivíduo persiste, um jogo em que o principiante se torna progressivamente um fumador confirmado. Nas páginas que dedica à demonstração de que um indivíduo não pode começar sozinho a fumar, que só o pode fazer se estiver integrado num grupo, assinala que a pressão do grupo se deve, desde logo, ao facto de a posse e a venda de droga estarem sujeitas a penas severas. A sua distribuição encontra-se restrita a fontes ilícitas que não são facilmente acessíveis a todos, pelo que, a não ser que se integre num grupo que lhe dê acesso a estas fontes, o indivíduo enfrentará dificuldades de aprovisionamento

do produto. Além disso, o grupo é necessário para que aprenda os modos de lidar com as primeiras experiências, designadamente ajuda-o a reconhecer e analisar os sintomas físicos, minimiza as impressões desagradáveis, fornece o vocabulário especializado, oferece segurança e oportunidade de exprimir e partilhar o prazer com os companheiros. É na interacção com os pares que o principiante aprende a gostar da droga e vai desenvolvendo a motivação para fumar. Parará provavelmente de consumir caso essa aprendizagem seja interrompida antes de ter chegado ao seu termo. A integração no grupo também é decisiva para resistir aos controlos sociais que se exercem sobre os utilizadores de drogas e que, repetidas vezes, os estigmatizam e desencorajam. Ela não só proporciona um clima de segurança em que o indivíduo poderá prosseguir em segredo a sua carreira de consumidor, mas uma subcultura onde fumar é a norma. Em síntese, cria condições que tornam inoperantes as pressões que limitam o uso da droga, proporcionando uma utilização mais intensa, à medida que indivíduo adquire uma experiência que lhe confere capacidade de avaliar o perigo e de tomar precauções elementares. Num contexto social em que a droga é distribuída por vias ilegais, a pertença a grupos não só age sobre o acesso à substância como apazigua o receio de ser descoberto e fornece ao principiante as racionalizações para realizar uma primeira tentativa. Os dados respeitantes aos contextos em que ocorrem os consumos dos entrevistados parecem não contradizer as observações acima explanadas, embora o consumo solitário assuma valores significativos, sobretudo da heroína e da cocaína, facto que pode ser imputado à circunstância de estarmos em presença de consumidores de longa duração que percorreram todas as etapas da carreira, até se tornarem utilizadores regulares. Com efeito, o consumo em grupo tem uma expressão muito significativa entre os consumidores das várias drogas, sendo de assinalar os casos do ecstasy, do LSD e do álcool que parecem ser as substâncias preferencialmente consumidas em festas. O consumo solitário é notoriamente prevalecente entre os consumidores de heroína e de cocaína (Q.4) As informações obtidas não deixam dúvidas de que estamos em presença de indivíduos cujo processo de aprendizagem não foi interrompido, uma vez que os consumos passaram a fazer parte do seu dia-a-dia. A grande maioria acumulou consumos de várias substâncias, o que se evidencia nos expressivos 53,4% de indivíduos que tiveram contacto com mais de três drogas e, na própria idade em que acederam ao estatuto de consumidores regulares, em média, por volta dos 22 anos. De assinalar que 22,6% se tornaram consumidores regulares antes de atingirem os 18 anos, 55,5% entre a idade dos 18 e dos 25 anos e 21,9% após os 25 anos (Q.5).

A tomar em consideração a perspectiva teórica de Becker, tudo indica que as condições de aprovisionamento deixaram de depender da frequência dos encontros mais ou menos aleatórios com outros consumidores e que conseguiram ultrapassar os obstáculos derivados do facto de a venda de droga ser ilegal, que aprenderam a lidar com os revendedores, a saber onde os encontrar e que ganharam a sua confiança, condição para que acessem a um consumo regular. Diz Becker que o uso da droga se mantém irregular se o indivíduo não pode fumar sempre que o deseja, mas somente em função dos reencontros com outros utilizadores. Se não descobrir um meio de superar esta dificuldade, não conseguirá um consumo regular, a menos que rompa as relações com aqueles que o desencorajam de recorrer à droga. Nesta última circunstância, pode acontecer que acabe por se integrar, quase completamente, no subgrupo cultural no qual se exerce esta actividade e por ter um mínimo de contactos com os não consumidores a cuja opinião dá importância.

Ora, se atentarmos na duração média dos períodos de consumo dos nossos entrevistados, constataremos que não terão encontrado nas relações com as pessoas mais significativas motivos suficientemente fortes para limitarem e controlarem essas práticas. São consumidores há longo tempo, perfazendo os que consomem há mais de 20 anos 58% da totalidade dos que responderam a esta questão (Q.6). Parece razoável admitir a hipótese de estarmos em presença de consumidores que há muito terão deixado de se preocupar com os prejuízos advindos das interpretações que esta prática suscita entre os que não são consumidores. O que os terá levado a invalidar as concepções transmitidas pelas pessoas por quem nutrem estima? A resposta de Becker é que só a desconfiança a respeito dos controlos sociais, que habitualmente tendem a manter os comportamentos em conformidade com as normas e os valores fundamentais da sociedade, induz o comportamento desviante. Enquanto certa psicologia tende a remeter o acto desviante para as motivações do indivíduo, que o mesmo é dizer, para a deliberação intencional de quem o comete, a sociologia interaccionista considera mais esclarecedor que nos interroguemos acerca das razões pelas quais aqueles que respeitam as normas, mesmo tendo tentações desviantes, não passam ao acto. A resposta é que as pessoas

que vivem segundo as convenções estabelecidas não cedem à tentação da droga porque o uso desta implicaria abrir mão de muitas coisas que não estão dispostas a perder, tais como o emprego, a reputação, a confiança dos outros. De acordo com esta perspectiva, todos os que não têm reputação a preservar no mundo convencional e que nada ganham com a manutenção das aparências conforme as convenções são os que apresentam maior vulnerabilidade. São, pois, livres de obedecer aos seus impulsos, o que não significa que, na maior parte dos casos, deixem de ser sensíveis aos códigos de comportamento ou que não experimentem fortes tentações de respeitar a lei, comportando-se de acordo com ela. É, aliás, essa tentação que explica o recurso a racionalizações que entendem ser válidas, apesar de divergirem da sociedade global. Uma segunda possibilidade é a de a não conformidade com a norma ocasionar um benefício superior ao custo.

Diríamos nós que, decorridos alguns anos após a obra de Becker, será de considerar o facto de certos consumos se estarem a tornar cada vez menos desviantes, ou seja a fazerem parte da normalidade em certos contextos lúdicos da sociabilidade juvenil, tais como festas académicas, discotecas e, até, na escola. As modas educativas mais recentes, a par de outros factores que genericamente remetem para um processo generalizado de desfiliação social, indicam que o papel dos adultos na socialização dos mais jovens tem conhecido profunda evolução, resultando no que alguns sociólogos chamam horizontalização das relações entre as gerações, ou seja, numa significativa diluição do controlo social sobre os mais jovens. Todavia, não obstante a evolução no sentido de uma certa naturalização das drogas, em especial das chamadas drogas leves, o uso de substâncias psicotrópicas não deixou de ser publicamente designado como conduta desviante, o que, à luz da teoria de Becker, constitui, provavelmente, uma das fases mais cruciais do processo de formação de um modo de comportamento desviante estável. Ser tomado e estigmatizado como desviante desencadeia efeitos consideráveis sobre a posterior participação do indivíduo na vida social, tal como sobre a evolução da imagem que este constrói acerca de si próprio. Nada havendo a perder, deixam de existir impedimentos a que o indivíduo se entregue a outros tipos de actividades ilegítimas.

Quanto aos nossos entrevistados, o que se observa é que apesar de na sua quase totalidade assinalarem o interesse em esconder os seus consumos (Q.7), isso não os preservou de se tornarem consumidores regulares, nem evitou que enveredassem por condutas desviantes, confirmando a reputação negativa associada ao consumo. Ser publicamente designado como drogado acarreta uma alteração profunda do estatuto do indivíduo aos olhos dos outros, os quais lhe atribuirão uma personalidade diferente da que lhe reconheciam e passarão a considera-lo e a trata-lo como desviante ou indesejável noutros aspectos. Todas as suas características passam a ser inevitavelmente inquinadas pela característica principal que é ter praticado o delito de consumir drogas. Assim se põem em jogo diversos mecanismos que concorrem para modelar a pessoa à imagem que os outros fazem dela” (Becker, 1985). Na grande maioria dos nossos entrevistados (90,7%), o envolvimento em práticas desviantes para a obtenção dos recursos necessários à aquisição das drogas esteve presente nas suas vidas, o que, segundo intensidades diversas, terá agravado o processo de estigmatização social que sobre eles recaía (Q.8). Caso para se dizer, em conformidade com Becker, que as interacções entre fumadores explicam como alguém se torna consumidor, mas não permitem compreender porque essa actividade é considerada desviante. Para o compreender é preciso analisar o processo de criação das normas, muito em particular o papel dos fazedores da moral e dos peritos e cientistas que os coadjuvam para a promulgação de leis. Da ilegalização da droga nasce um mercado clandestino que faz subir os preços e, em muitos casos, torna impossível aceder ao consumo, a não ser por vias ilegítimas. Caso para concluir que a maneira como se tratam os desviantes equivale a recusar-lhes os meios de realizarem as actividades rotineiras da vida quotidiana. É devido a esta recusa que o desviante deve necessariamente pôr em acto práticas rotineiras ilegítimas que agravam o processo de dessocialização, na precisa medida em que não proporcionam oportunidades de revalorização da identidade, antes pelo contrário, reforçam a necessidade de um sistema de autojustificação que contribui para neutralizar o que resta de atitudes conformistas e fornece razões sólidas para manter a linha de conduta. A imersão em meio prisional não deixará de acentuar o descrédito e, por essa via, de anular a eficácia do sistema de controlo. Uma vez perdida a credibilidade, é o processo de desinserção social que se agrava, conduzindo a uma progressiva impossibilidade de participar nas actividades “normais” à luz dos padrões culturais dominantes na sociedade em que vivemos, o que, por sua vez, consolida e aprofunda o processo de afastamento social.

Não restam dúvidas de que, pelo menos nalguma fase da sua carreira de consumidores, a dissidência relativamente a valores sociais estabelecidos foi uma realidade nas vidas dos inquiridos. Da leitura do Q.8, depreende-se que, na sua quase totalidade, estiveram envolvidos em práticas desviantes, grande parte delas em torno do roubo. Essa imersão intensa em actividades ilegais é uma evidência de que passaram a ser imunes ao risco de os seus próximos lhe retribuírem com diversas sanções informais, tais como o ostracismo ou a retirada do afecto. Não escaparam ao processo de rotulação, o que, em alguma medida, terá levado a que muitos deles acabassem por cristalizar uma identidade desviante. Percorrer todas as etapas da carreira terá influenciado a concepção de si mesmos, assim como terá restringido as probabilidades de voltarem a fazer plenamente parte do mundo considerado normal. Todavia, apesar das práticas desviantes estarem presentes em todos os entrevistados, os que revelaram ter um historial de prisão representam uma parte relativamente pequena, situando-se nos 22% (128/582). Quanto ao número de detenções e à duração dos períodos passados na prisão, as informações que nos foi possível reunir revelam que mais de metade foi detida apenas uma vez (60,9%) e que somente uma pequeníssima parte conheceu penas de prisão entre os 9 e os 15 anos (Q.9 e 10).

### ***Condições de existência e modos de vida***

Analisados à luz da participação na actividade económica, os modos de vida dos entrevistados indicam que a ausência de inserção económica é a tendência que mais fortemente se evidencia. A grande maioria (67,3%) está excluída de participar nas actividades de produção, sendo a sua sobrevivência garantida pela família ou/e pelo sistema de protecção social. Todavia, uma parte relativamente pequena, embora significativa (33%) exerce uma actividade profissional, apesar de recorrer ao programa de substituição (Q.11). É uma constatação interessante por tornar evidente que nem sempre o consumo é factor impeditivo de manter uma vida normal noutras dimensões da existência. De alguma maneira, contribui para questionar a ideia de que todos os consumidores são assimiláveis a uma única categoria, quaisquer que sejam as razões ou ritmo dos consumos. Os meios de vida do segmento mais significativo dos inquiridos provêm da família e do sistema de protecção social, sendo de salientar a pequena dimensão do conjunto que usufrui do subsídio de desemprego (Q.12). Não menos relevante, apesar do peso percentual relativamente diminuto, é a existência de um conjunto de indivíduos cujos meios de vida advêm de actividades como a arrumação de carros, os biscates, a angariação de esmolas, o roubo, a própria venda de droga. A análise desagregada dos meios de vida provenientes do sistema de protecção social evidencia que o Rendimento Social de Inserção é claramente o apoio que prevalece entre todas as restantes medidas, designadamente *subsídio de desemprego, pensão de reforma ou invalidez e acção social* (Q.13).

A análise das profissões dos nossos inquiridos parece indicar alguma recomposição da estrutura profissional. O número dos que incluem na categoria *pequenos empresários* é menor do que na geração dos progenitores (3,1% quando entre os pais atingia 14,4% e entre as mães perfazia 5,4%), os *especialistas das profissões intelectuais e científicas* não vão além de 3,1%, contra os 5,9% e 5,4%, respectivamente entre os pais e as mães. A agregação das categorias dos *técnicos e profissionais de nível intermédio* com o *peçoal administrativo e similares* perfaz 17,5% dos inquiridos contra 14,2% nos pais e 18,3% nas mães. O grande conjunto dos grupos profissionais incluídos nos operários, qualificados e não qualificados, perfaz cerca de 60% dos respondentes, contra 59,3% nos pais e 51% nas mães. Finalmente, o grupo formado pelo *peçoal dos serviços e vendedores* representa 16,2% contra 5,3% e 6,1%, respectivamente entre os pais e as mães, o que se prenderá mais com o processo de terciarização da economia do que com uma ascensão social.

Quanto aos níveis de escolaridade atingidos, a fragilidade em termos de recursos escolares e de formação profissional qualificante é um facto patente na prevalência do conjunto dos que não ultrapassaram o 3º ciclo do ensino básico (77%), na fraca representação da formação profissional equivalente a um grau de ensino, bem como no número residual dos que concluíram um curso superior. A idade média em que ocorreu o abandono dos estudos é da ordem dos 16,2 anos, sendo que a razão mais invocada para esse facto foi a procura da independência económica. De registar que uma parte considerável fez formação profissional não conferente de grau académico e segundo uma lógica mais assistencial do que de efectiva qualificação profissional.

Se analisado à luz do papel da integração profissional nas sociedades modernas, este quadro assume contornos problemáticos para a inclusão, desde logo porque o acesso a um trabalho não só significa obter segurança material, mas, igualmente, reconhecimento simbólico e protecção social. Da integração profissional não só decorre a possibilidade de ser reconhecido pelo contributo dado para a produção, mas o acesso a direitos sociais inerentes a essa participação. No actual contexto de intensificação do desemprego e de acrescida competição pela obtenção do posto de trabalho, os mais qualificados são os que melhor resistem a esta forma de exclusão. Ora, no caso dos consumidores de drogas, as fracas qualificações escolares e profissionais não deixarão de ser ainda mais penalizadoras dado que se acumulam ao descrédito socialmente atribuído a este tipo de práticas. Se tivermos em conta que, apesar da forte retracção da oferta de emprego, o trabalho continua a ser visto como a única porta de entrada no sistema social e principal fornecedor de lugares na sociedade, não é descabido admitir que estes indivíduos são atingidos por uma vulnerabilidade social peculiar, com efeitos penalizadores da sua eventual saída da situação de consumidores. Se o montante dos recursos e as formas de consumo que definem o nível de vida continuam a estar estreitamente associados ao exercício da actividade profissional, a falta de emprego instala uma fronteira muito fina com a pobreza, pelo menos entre aqueles cujas famílias não dispõem de meios que permitam satisfazer necessidades consideradas fundamentais na sociedade em que vivemos. Em suma, a inserção no mundo do trabalho reveste-se de uma importância particular porque o trabalho não só fornece rendimentos mas assegura uma verdadeira identidade social já que a sua capacidade de definição continua a ser mais forte do que qualquer outro tipo de pertença. Os dados recolhidos a este respeito mostram que entre os nossos entrevistados, o subsídio de desemprego tem uma incidência claramente residual, sugerindo que a ausência de inserção no mundo do trabalho deixou de ser temporária e que fazem parte da categoria de desempregados de longa duração (Q. 13). Participam, pois, de uma categoria de indivíduos mais severamente atingidos pela desvalorização social.

A análise da composição do agregado familiar actual mostra que o contingente dos que vivem com os progenitores (40,7%) é muito significativo no conjunto dos inquiridos, sendo de salientar a não menos expressiva existência de um segmento formado por indivíduos que vivem sozinhos (23,2%) e de um outro dos que coabitam com o cônjuge e filhos (32%) (Q.14). Para um número muito significativo dos entrevistados, tudo indica que a ruptura com o trabalho e a respectiva perda das relações sociais que a ele estão associadas se acumulou a ruptura conjugal e, em número menos significativo, a própria ruptura do laço de filiação. No universo inquirido, a ruptura do *laço de filiação* é muito menos expressiva do que a ruptura do laço conjugal, sendo de salientar a baixa incidência dos casos de ruptura precoce do laço familiar, facto evidente no pequeno peso relativo dos casos de institucionalização forçada por decisão judicial por motivo de abandono, negligência ou maus tratos, colhendo 5% das respostas (Q.15). Independentemente da qualidade das relações, os dados parecem mostrar que a maioria dos pais não desistiu dos filhos, que os maus acontecimentos, se provocaram incompreensão recíproca ou discórdia, não conduziram ao total fechamento de uns e outros, nem à total perda de protecção e de reconhecimento na relação. Os dados relativos aos momentos que consideram mais problemáticos na vida da família em que nasceram e cresceram deixam-nos conjecturar que as dificuldades familiares, apesar de muito pesadas, nem sempre terão instalado a impossibilidade absoluta de recorrer ao apoio dos mais próximos. A ter em conta as declarações dos indivíduos a respeito do que tomam como factos mais problemáticos na vida da sua família de origem, constatamos que a morte de um dos progenitores, a carência de recursos económicos, o desemprego e os maus tratos físicos entre os progenitores, bem como a sua separação constituem situações com expressiva representação (Q. 15).

Como vimos mais acima, a maioria deixou de ter emprego e, por esse motivo, deixou, igualmente, de ter autonomamente acesso a recursos económicos indispensáveis para fazer face à sobrevivência, uma situação que os remeteu para a dependência dos serviços de assistência. Em face da ruptura do laço de participação orgânica que decorre do emprego, restou-lhes o recurso aos serviços de assistência, não raro complementados com a ajuda dos familiares. Grande parte entrou numa carreira de assistidos, com tudo o que isso significa de humilhação social, sentimento de inutilidade e perda do laço de cidadania.

A análise da variável condição perante o trabalho dos cônjuges, pais e mães com quem coabitam permite concluir que, na sua grande maioria, os recursos económicos dos progenitores provêm de pensões de reforma, não obstante um número relativamente pequeno mantenha recursos provenientes do trabalho. Já no que respeita aos cônjuges, as informações recolhidas evidenciam uma tendência inversa, uma vez que 57,8% destes possuem recursos provenientes de uma actividade profissional, sendo de salientar a dimensão relevante do desemprego, sem direito ao respectivo subsídio (Q. 16,17,18,19,20,21).

Sabemos que 60% dos indivíduos com vida conjugal mantêm um emprego, tal como o seu cônjuge. Também sabemos que 37% dos indivíduos que vivem conjugalmente estão desempregados, enquanto o seu cônjuge exerce uma profissão. Quanto aos cônjuges desempregados, o que se constata é que a larga maioria dos seus parceiros também está desempregada (72%), podendo concluir-se que existe uma relação de dependência estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) entre a conjugalidade e a actividade profissional (Q.22). A respeito dos inquiridos que vivem com progenitores masculinos que exercem profissão, constatamos que mais de metade da amostra (51%) está desempregada, sendo que 34% exercem uma profissão. No caso dos pais reformados, a situação de desemprego dos próprios é agravada, subindo para 63%, contra 29% dos que exercem uma profissão (Q. 23). Quanto aos que coabitam com mães que exercem actividade profissional, as informações reunidas revelam que cerca de 66% estão desempregados e 27 % exercem uma profissão. De igual forma, no caso dos que coabitam com mães reformadas, a incidência do desemprego é da ordem dos 63%, contra 27% com actividade profissional (Q. 24). Cabe salientar que uma parte não menosprezável dos inquiridos (23,2%) não usufrui da protecção nem dos laços de filiação, nem dos laços conjugais. Configuram provavelmente um tipo de consumidores já instalados no processo de desinserção social.

A análise da relação com os serviços de segurança social permite concluir que o Rendimento Social de Inserção, não raro complementado pela mendicidade, é o recurso de cerca de 58% dos inquiridos que não têm actividade profissional, o que, dada a exiguidade deste subsídio, dificilmente permitirá fazer face às necessidades e fugir à pobreza absoluta. Na melhor das hipóteses permitirá uma forma de integração social na pobreza. O RSI é igualmente o principal recurso de mais de metade dos cônjuges que não exercem actividade profissional. Em suma, entre os inquiridos encontramos um grupo significativo de indivíduos que vivem com os progenitores, parte deles com actividade profissional e parte dependente da protecção social e familiar para sobreviver. A família parece ser o principal suporte de protecção face às vicissitudes ocasionadas pelas drogas e pelo próprio desemprego, permitindo-lhes preservar algum reconhecimento e valorização e evitar a derrapagem para um trajecto de desinserção social. Podemos deduzir que, seja por razões de sobrevivência, seja pela intensidade do laço de filiação, muitos dos indivíduos com historial de consumos conservam um mínimo de existência social por via dos laços familiares. Embora se distingam várias modalidades de viver a condição de consumidor de drogas, uma delas particularmente perniciosa dado implicar desinserção social em todas as dimensões fundamentais para a inclusão, tais como desemprego, pobreza, isolamento, estigmatização social e desvalorização, os dados recolhidos revelam que nem o desemprego é uma característica que se impõe a todos, nem a sua privação conduz à inevitabilidade das rupturas familiares. Se é certo que a perda de um emprego e a incapacidade duradoura de o encontrar é um elo crucial na colocação em movimento do processo de desinserção, grande parte dos inquiridos parece conservar algum apoio afectivo e psicológico do grupo familiar, muito embora precário dada a finitude da vida dos progenitores. Cabe, todavia, assinalar que esse altruísmo parental é, na maioria dos casos, exercido num quadro de grande escassez de meios e de impotência para inverter o processo de estigmatização e de isolamento social dos seus filhos. Numa conjuntura de forte crise da inclusão social pelo emprego e de políticas sociais pobres, que significado atribuir a esta solidariedade familiar? Como poderá funcionar se as próprias famílias sobrevivem com recursos muito limitados e os sistemas de protecção social são notoriamente deficientes face à complexidade do problema? Mais, numa sociedade de sujeitos individualizados, é provável que este tipo de solidariedades familiares intergeracionais de algum modo agrave o processo de desvalorização simbólica por divergir do padrão de vida tido por normal. Não menos relevante é considerar a hipótese, muitas vezes confirmada pelo contacto directo com os entrevistados, de a permanência na família de origem derivar mais do constrangimento do que da escolha. A incursão pelos modos como os entrevistados ocupam o seu dia-a-dia permite depreender que os contextos de socialização extra familiar são muito escassos. O fechamento das sociabilidades no espaço doméstico ou residencial

parece ser uma característica forte do modo de vida da grande maioria, destacando-se as tarefas domésticas como actividade que mais contribui para preencher o tempo, secundada pelo encontro com amigos nos cafés situados no espaço de residência. A realização de biscates e a procura de emprego são as outras duas formas de preencher o dia-a-dia com maior incidência no universo dos inquiridos (Q.25). Tudo indica que as soluções provenientes da protecção social não encaram a possibilidade de estes indivíduos saírem do estatuto de assistidos e da desqualificação social. Em síntese, dos dados reunidos parece ser pertinente concluir que os utilizadores do serviço em questão vivem a sua dependência das drogas segundo modos relativamente distintos, uns instalados na pobreza, parte deles entraram num processo de desinserção e uma muito pequena parte ainda viverá conforme os padrões de consumo dominantes. O sistema de protecção social oferece-lhes um mínimo de protecção que, se permite enfrentar as necessidades mais urgentes, não permite, contudo, prever a sua saída para formas de inserção mais aceitáveis. Importa, claro, sublinhar a situação peculiar dos que acumularam privação familiar e privação do trabalho e que foram lançados num processo de encadeamento de perdas, da esperança, da confiança em si próprios, da dignidade social, que os conduziu à incapacidade de se projectarem no futuro e à decadência.

### ***As modalidades de tratamento da toxicodependência***

As modalidades de tratamento da toxicodependência diversificam-se entre as que envolvem internamento em meio fechado (comunidades terapêuticas) e as que ocorrem em regime ambulatorio. A primeira implica a retirada do indivíduo do seu meio de vida habitual e o investimento mais intenso na ressocialização, designadamente por via de um trabalho terapêutico sistemático. O principal contraste com o tratamento em regime ambulatorio remete para o facto de neste não ser prescrita a condição de abstinência. A substância ilícita é substituída por uma outra que, não sendo ilícita, é igualmente psicoactiva. Em termos sintéticos, a tese que apoia a prescrição de uma droga lícita, em vez de uma ilícita, identifica como vantagem a possibilidade de subtrair o indivíduo a práticas desviantes, uma vez que os custos financeiros avultados da obtenção da droga o impelem a obter dinheiro por meios que acentuam a sua degradação. Outro argumento central é o que aponta para o controlo da difusão de doenças infecto-contagiosas ligadas ao consumo endovenoso. De referir, ainda, estudos que assinalam a existência de uma predisposição genética para a adição, o que torna particularmente difícil ou, mesmo impossível, a libertação, uma vez tomado contacto com a droga e desencadeada a dependência. A linha de investigação centrada nos mecanismos neurobiológicos (Marques Teixeira, 1998), cuja hipótese central admite que o consumo de drogas é determinado por factores biológicos e que, além disso, pretende identificar os efeitos desse consumo no sistema neurobiológico, permitiu chegar a alguns resultados empíricos que é preciso ter em conta na análise do fenómeno.

As teses que contestam este tipo de intervenção apontam-lhe dois grandes problemas, desde logo os efeitos nocivos da droga de substituição para a saúde física dos indivíduos, designadamente lesões neurológicas e destruição de órgãos vitais. O outro problema apontado assinala a perpetuação da dependência física, pois que os processos neurobiológicos de obtenção da compensação continuam a ser desencadeados pela substância, em vez de serem originados por práticas portadoras de significados gratificantes. Até que ponto esta abordagem ao problema oculta uma visão fatalista da adição? Uma vez desencadeado o processo biológico de dependência da substância não há como libertar o sujeito desse estado de intoxicado? Até que ponto a intervenção de carácter psicoterapêutico e social é susceptível de activar os mecanismos neurológicos conducentes à vivência subjectiva do prazer? O modelo promove uma efectiva interacção entre a intervenção farmacológica e a intervenção psicossocial? Como avaliar essa interacção? Existe equilíbrio e complementaridade entre a intervenção farmacológica e a intervenção psicossocial? A intervenção farmacológica prevalece sobre a intervenção psicossocial? A resposta a estas questões implicaria analisar se a intervenção farmacológica é efectivamente articulada com iniciativas expressamente pensadas para induzir mudanças no ambiente social dos indivíduos, para que, num quadro de vida organizado, estes pudessem reconstituir as actividades e as relações susceptíveis de desencadear o prazer e a gratificação por via do compromisso com outros e da realização de tarefas criativas e socialmente úteis. Implicaria analisar até que ponto são criadas as condições externas apropriadas à indução de mudanças internas conducentes à redução

progressiva da dose da substância psicoactiva ingerida. Os dados que a este respeito nos foi possível reunir permitem deduzir algumas conclusões, muito embora de modo indirecto e de carácter exploratório. Sabemos que parte substancial dos inquiridos acumulou vários tratamentos ao longo da sua carreira de consumidores (Q.26), que a duração média do período de tratamento actual é de 55,8 meses, sendo que parte significativa se mantém no actual programa de substituição há mais de sete anos (Q.27). Apenas uma pequena parte dos inquiridos referiu estar a receber acompanhamento psicossocial (10,9%, Q.28), uma informação que, a ser fiável, lança uma pista de análise crítica sobre a execução do modelo de substituição. Se o programa de substituição comporta a inegável vantagem de conter a degradação do indivíduo, muito em especial porque o acesso à droga deixou de o compelir para o mundo do crime, além de diminuir a pressão da sua necessidade e de, assim, o libertar para as tarefas da vida normal, certo é que os dados recolhidos não deixam dúvidas quanto à fraca inclusão social dos indivíduos em causa, sendo que muitos deles se encontram mesmo em situação de desinserção social.

À luz dos padrões que vigoram na sociedade em que vivemos, a sua inclusão em programas de substituição não gerou o retorno a uma vida normal. Tão pouco terá contribuído para inverter a forte desvalorização simbólica que pesa sobre quem se tornou dependente de droga. Não parece que tenha conseguido alterar as relações sociais, institucionais, económicas e culturais que entre estes indivíduos e a restante sociedade estão estabelecidas. Cabe, então, interrogar até que ponto a chamada intervenção psicossocial, uma componente que teoricamente integra o programa de substituição, tende a centrar-se exclusivamente no indivíduo, descurando o funcionamento das instituições e a sua desadequação aos reais desafios que a inclusão social lhe coloca. A questão não pode deixar de estar estreitamente articulada com o modo de conceber a relação indivíduo e sociedade. Se o diagnóstico que subjaz à referida intervenção psicossocial considera que as dificuldades de inserção do indivíduo radicam exclusivamente nos seus handicaps e perturbações, então toda a acção se centrará na transformação do comportamento da pessoa ou do grupo. Se não for operada uma ruptura com o psicologismo que isola as estruturas psicológicas dos constrangimentos sociais externos, ou seja, do sistema completo de relações em que o sujeito realiza as suas acções, toda a intervenção se fechará no indivíduo. É ele que deve mudar, sendo que se o fizer a adaptação social ocorrerá. Não obstante uma certa linguagem institucionalizada no âmbito deste serviço público de apoio a toxicodependentes, salientando o carácter interdisciplinar do fenómeno e consagrando, nessa base, o que chamam equipas multidisciplinares, tal não parece traduzir-se em práticas que efectivamente articulem respostas direccionadas ao jogo de determinações, necessidades e contingências exteriores que configuram o quadro objectivo de relações em que se constrói a existência.

## Bibliografia

- Agra, C. (1991) *Sujeito AutoPoiético e Toxicodependência*, Universidade de Montreal
- Anatrella, T. (2004) *Liberdade Destruída*, Estoril: Principia
- Becker, H. (1985) *Outsiders. Études de sociologie de la déviance*, Paris: A. M. Métailié
- Bourdieu P. (1993) *La Misère du Monde*, Paris: Seuil
- Lipovestsky, G. (2007) *A Felicidade paradoxal*. Lisboa: Edições 70
- Marques-Teixeira, J. (1998) Factores Biológicos e Toxicodependência, *Toxicodependências* Vol. 4 nº3
- Sennett, R. (2001) *A Corrosão do Carácter*, Lisboa: Terramar

---

<sup>i</sup> Os pais e as mães dos 582 entrevistados são, na sua grande maioria, detentores de níveis de escolaridade muito baixos. Os pais e as mães que não obtiveram o 1º ciclo do ensino básico perfazem respectivamente 12% e 21,1%, os que concluíram este primeiro ciclo rondam os 57,6% (pais) e os 54,5% (mães). Com o 2º ciclo do ensino básico registam-se 7,5% dos pais e 7,9% das mães, com o 3º ciclo do ensino básico respectivamente 9,4% e 5,3%. Com o ensino secundário registaram-se 5,9% dos pais e o mesmo valor entre as mães e com o ensino superior apenas 7,3% e 5,1%. No que respeita às profissões, os dados recolhidos deixam concluir que apenas 5,9% dos pais e 5,3% das mães são “especialistas das profissões intelectuais e científicas”, e que 14,0% dos pais e 5,5% das mães se inscrevem na categoria dos “pequenos empresários”. Nas categorias intermédias (“técnicos profissionais de nível intermédio” e “pessoal administrativo e similares”) registam-se 13,8% dos pais e 18,4% das mães, ao passo que nos grupos socioprofissionais inscritos nas classes e fracções de classe que ocupam as posições mais baixas da hierarquia profissional (“agricultores e trabalhadores

qualificados da agricultura e da pesca”, “pessoal dos serviços e vendedores”, “operários, artífices e trabalhadores similares”, “operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem”, “trabalhadores não qualificados) se contabilizam 65,6% dos pais e 70,8% das mães que exercem profissão.

## ANEXOS

Quadro 1 – Inquiridos segundo género e escalões etários

|       |              | Género    |        |          |        |       |        |
|-------|--------------|-----------|--------|----------|--------|-------|--------|
|       |              | Masculino |        | Feminino |        | Total |        |
|       |              | nº        | %      | nº       | %      | nº    | %      |
| Idade | < 30 anos    | 63        | 12,4%  | 14       | 18,7%  | 77    | 13,2%  |
|       | 30 a 40 anos | 234       | 46,2%  | 30       | 40,0%  | 264   | 45,4%  |
|       | > 40 anos    | 210       | 41,4%  | 31       | 41,3%  | 241   | 41,4%  |
|       | Total        | 507       | 100,0% | 75       | 100,0% | 582   | 100,0% |

Quadro 2 – Inquiridos segundo idade de início dos consumos

|              | N   | %      |
|--------------|-----|--------|
| 7 a 15 anos  | 250 | 43,4%  |
| 16 a 18 anos | 209 | 36,3%  |
| 19 a 24 anos | 78  | 13,5%  |
| 25 a 30 anos | 23  | 4,0%   |
| 31 a 46 anos | 16  | 2,8%   |
| NR           | 6   | 1,0%   |
| Total        | 582 | 100,0% |

Quadro 3 - Como tomou contacto com as drogas

|                                                                 | N   | %            |
|-----------------------------------------------------------------|-----|--------------|
| Através de um amigo                                             | 152 | 26,3%        |
| Com familiares                                                  | 45  | 7,8%         |
| Através de um grupo de amigos do seu local de residência        | 208 | 36,0%        |
| Através de um grupo de amigos na escola que já consumiam drogas | 99  | 17,1%        |
| Através de um traficante                                        | 23  | 4,0%         |
| Outra                                                           |     |              |
| Namorado (a)                                                    | 21  | 3,6%         |
| Tropa                                                           | 15  | 2,6%         |
| Ídolos musicais                                                 | 8   | 1,4%         |
| Trabalho                                                        | 5   | 0,9%         |
| Cadeia                                                          | 2   | 0,3%         |
| Total                                                           | 578 | 100%         |
| NR                                                              | 4   | 0,7% (4/582) |

Quadro 4- Contexto de consumo

|                                 |                   | N   | %      |
|---------------------------------|-------------------|-----|--------|
| Contexto de consumo:<br>Haxixe  | Grupo             | 480 | 88,9%  |
|                                 | Festa             | 102 | 18,9%  |
|                                 | Sozinho(a)        | 256 | 47,4%  |
|                                 | Com o namorado(a) | 43  | 8,0%   |
|                                 | Total             | 540 | 100,0% |
| Contexto de consumo:<br>Heroína | Grupo             | 336 | 60,8%  |
|                                 | Festa             | 33  | 6,0%   |
|                                 | Sozinho(a)        | 444 | 80,3%  |
|                                 | Com o namorado(a) | 47  | 8,5%   |
|                                 | Total             | 553 | 100,0% |
| Contexto de consumo:<br>Cocaína | Grupo             | 324 | 60,0%  |
|                                 | Festa             | 46  | 8,5%   |
|                                 | Sozinho(a)        | 420 | 77,8%  |
|                                 | Com o namorado(a) | 43  | 8,0%   |
|                                 | Total             | 540 | 100,0% |
| Contexto de consumo: LSD        | Grupo             | 106 | 55,5%  |
|                                 | Festa             | 122 | 63,9%  |
|                                 | Sozinho(a)        | 26  | 13,6%  |
|                                 | Com o namorado(a) | 9   | 4,7%   |
|                                 | Total             | 191 | 100,0% |
| Contexto de consumo:<br>Ecstasy | Grupo             | 82  | 45,6%  |
|                                 | Festa             | 132 | 73,3%  |
|                                 | Sozinho(a)        | 21  | 11,7%  |
|                                 | Com o namorado(a) | 7   | 3,9%   |
|                                 | Total             | 180 | 100,0% |
| Contexto de consumo:<br>Álcool  | Grupo             | 129 | 70,9%  |
|                                 | Festa             | 115 | 63,2%  |
|                                 | Sozinho(a)        | 119 | 65,4%  |
|                                 | Com o namorado(a) | 26  | 14,3%  |
|                                 | Total             | 182 | 100,0% |

Quadro 5 – Idade em que se tornou consumidor regular

|                 | N   | %             |
|-----------------|-----|---------------|
| < 18<br>anos    | 124 | 22,6%         |
| 18 a 25<br>anos | 304 | 55,5%         |
| > 25<br>anos    | 120 | 21,9%         |
| Total           | 548 | 100,0%        |
| NS/NR           | 34  | 5,8% (34/582) |

Quadro 6 – N° de anos de consumo

|              | N   | %               |
|--------------|-----|-----------------|
| < 10 anos    | 45  | 7,8%            |
| 10 a 20 anos | 197 | 34,2%           |
| > 20 anos    | 334 | 58,0%           |
| Total        | 576 | 100,0%          |
| NR           | 6   | 1,0%<br>(6/582) |

Quadro 7 - Como escondeu dos outros a prática de consumo

|                                                                   | N   | %                |
|-------------------------------------------------------------------|-----|------------------|
| Mantendo um aspecto cuidado                                       | 432 | 75,7%            |
| Cumprindo todas as obrigações familiares                          | 375 | 65,7%            |
| Cumprindo todas as obrigações no local de trabalho                | 334 | 58,5%            |
| Cumprindo todas as obrigações escolares                           | 48  | 8,4%             |
| Nunca consumir em casa/local de trabalho/escola                   | 122 | 21,4%            |
| Não precisei de esconder, pois os meus familiares não me vigiavam | 76  | 13,3%            |
| Evitar ser visto com pessoas associadas à droga                   | 273 | 47,8%            |
| Outra<br>Nunca escondeu                                           | 14  | 2,5%             |
| Total                                                             | 571 | 100,0%           |
| NR                                                                | 11  | 1,9%<br>(11/582) |

Quadro 8 - Fez ou faz parte de grupos envolvidos nas seguintes práticas

|                                                                                               | N   | %                |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|------------------|
| Vender objectos roubados                                                                      | 259 | 49,1%            |
| Assaltar casas ou outros edificios e roubar dinheiro, aparelhos, armas, etc.                  | 110 | 20,8%            |
| Assaltar carros para roubar coisas que estão dentro                                           | 104 | 19,7%            |
| Roubar carros                                                                                 | 66  | 12,5%            |
| Roubar tubos de escape, rodas, bateria ou outras peças                                        | 58  | 11,0%            |
| Roubar gasolina de um carro                                                                   | 99  | 18,8%            |
| Levar coisas de uma loja sem pagar                                                            | 242 | 45,8%            |
| Ameaçar pessoas que se recusam a dar dinheiro ou alguma outra coisa que lhes tenha pedido     | 70  | 13,3%            |
| Trazer uma lâmina, uma navalha de ponta e mola, ou pistola com a intenção de a usar numa luta | 104 | 19,7%            |
| Apontar uma faca, pistola ou alguma outra arma a alguém para roubar                           | 56  | 10,6%            |
| Bater violentamente em alguém                                                                 | 200 | 37,9%            |
| Invadir uma casa, armazém ou escola apenas para partir coisas                                 | 53  | 10,0%            |
| Roubar coisas de grande valor                                                                 | 114 | 21,6%            |
| Bater num professor                                                                           | 33  | 6,3%             |
| Passar um cheque com a assinatura de outra pessoa                                             | 92  | 17,4%            |
| Vender drogas tais como heroína, marijuana, LSD, cocaína ou ecstasy                           | 281 | 53,2%            |
| Conduzir um carro sem carta de condução                                                       | 271 | 51,3%            |
| Conduzir um carro bêbado ou sob o efeito de outras drogas                                     | 343 | 65,0%            |
| Fugas de casa                                                                                 | 211 | 40,0%            |
| Total                                                                                         | 528 | 100,0%           |
| NR                                                                                            | 54  | 9,3%<br>(54/582) |

Quadro 9 - Nº de vezes que esteve preso

|                 | N   | %      |
|-----------------|-----|--------|
| 1 vez           | 78  | 60,9%  |
| 2 vezes         | 23  | 18,0%  |
| 3 vezes         | 16  | 12,5%  |
| 4 ou mais vezes | 11  | 8,6%   |
| Total           | 128 | 100,0% |

Quadro 10 – Quanto tempo esteve preso

|               | N   | %            |
|---------------|-----|--------------|
| < 11 meses    | 35  | 27,8%        |
| 11 a 24 meses | 27  | 21,4%        |
| 25 a 42 meses | 27  | 21,4%        |
| > 42 meses    | 37  | 29,4%        |
| Total         | 126 | 100,0%       |
| NR            | 2   | 1,5% (2/126) |

Quadro 11 - Condição actual perante o trabalho: próprio

|                                         | N   | %            |
|-----------------------------------------|-----|--------------|
| Exerce uma profissão                    | 189 | 33,0%        |
| Ocupa-se das tarefas do lar             | 2   | ,3%          |
| Estudante                               | 6   | 1,0%         |
| Reformado                               | 12  | 2,0 %        |
| Incapacidade permanente para o trabalho | 12  | 2,0%         |
| Desempregado                            | 352 | 61,4 %       |
| Total                                   | 573 | 100%         |
| NR                                      | 9   | 1,6% (9/582) |

Quadro 12 - Meios de vida do agregado familiar actual: Próprio

|                                                                  | N   | %      |
|------------------------------------------------------------------|-----|--------|
| Trabalho                                                         | 189 | 32,5%  |
| A cargo da família                                               | 106 | 18,2%  |
| Subsídio de desemprego                                           | 51  | 8,7%   |
| Rendimentos de propriedade                                       | 3   | ,5%    |
| Outros subsídios                                                 | 229 | 39,3%  |
| Outra situação:<br>Mendicidade<br>Biscates<br>Bolsas de formação | 30  | 5,1%   |
| Total                                                            | 582 | 100,0% |

Quadro 13 - Relação com os serviços de segurança e protecção social: Próprio

|                                   | N   | %      |
|-----------------------------------|-----|--------|
| RSI                               | 175 | 62,5%  |
| Reforma                           | 9   | 3,2%   |
| Pensão de invalidez/sobrevivência | 17  | 6,1%   |
| Abono de família                  | 28  | 0,1%   |
| Subsídio de desemprego            | 51  | 18,2%  |
| Total                             | 280 | 100,0% |

Quadro 14 - Composição do agregado familiar actual

|                   | N   | %      |
|-------------------|-----|--------|
| Pai               | 137 | 23,5%  |
| Mãe               | 237 | 40,7%  |
| Irmãos            | 107 | 18,4%  |
| Avó/Avô           | 13  | 2,2%   |
| Tios              | 5   | ,9%    |
| Padrasto/Madrasta | 6   | 1,0%   |
| Filhos            | 150 | 25,8%  |
| Cônjuge           | 186 | 32,0%  |
| Sozinho(a)        | 135 | 23,2%  |
| Total             | 582 | 100,0% |

Quadro 15 - Identificação de momentos de ruptura na vida familiar

|                                             | N   | %      |
|---------------------------------------------|-----|--------|
| Morte de um ou ambos os pais                | 155 | 26,6%  |
| Separação dos pais                          | 72  | 12,4%  |
| Abandono dos pais                           | 39  | 6,7%   |
| Maus-tratos físicos entre os pais           | 85  | 14,6%  |
| Maus tratos físicos entre os irmãos         | 14  | 2,4%   |
| Maus tratos físicos dos pais para os filhos | 49  | 8,4%   |
| Pai/Mãe/ambos toxicodependentes             | 26  | 4,5%   |
| Prostituição                                | 9   | 1,5%   |
| Institucionalização forçada                 | 28  | 4,8%   |
| Desemprego                                  | 33  | 5,7%   |
| Rendimentos do agregado muito baixos        | 95  | 16,3%  |
| Divórcio do próprio                         | 9   | 1,5%   |
| Alcoolismo dos pais                         | 29  | 5,0%   |
| Morte de irmãos por consumos                | 28  | 4,8%   |
| Morte de avós e outros familiares           | 40  | 6,9%   |
| Início de consumo                           | 38  | 6,5%   |
| Tentativas de suicídio                      | 3   | 0,5%   |
| Abuso sexual por familiares                 | 4   | 0,7%   |
| Prisão de familiares                        | 5   | 0,9%   |
| Doença pai/mãe/próprio                      | 13  | 2,2%   |
| Recomposição familiar                       | 12  | 2,1%   |
| Expulsão de casa                            | 8   | 1,4%   |
| Mudança de país                             | 3   | 0,5%   |
| Total                                       | 582 | 100,0% |

Quadro 16 - Condição actual perante o trabalho: cônjuge

|                                         | N   | %                |
|-----------------------------------------|-----|------------------|
| Exerce uma profissão                    | 104 | 59,1%            |
| Ocupa-se das tarefas do lar             | 13  | 7,4%             |
| Reformado                               | 4   | 2,3 %            |
| Incapacidade permanente para o trabalho | 1   | ,6%              |
| Desempregado                            | 54  | 30,7 %           |
| Total                                   | 176 | 100,0%           |
| NR                                      | 10  | 5,4%<br>(10/186) |

Quadro 17- Condição actual perante o trabalho: pai

|                                         | N   | %                |
|-----------------------------------------|-----|------------------|
| Exerce uma profissão                    | 40  | 32,3%            |
| Reformado                               | 72  | 58,0%            |
| Incapacidade permanente para o trabalho | 4   | 3,2%             |
| Desempregado                            | 8   | 6,5%             |
| Total                                   | 124 | 100,0%           |
| NR                                      | 13  | 9,5%<br>(13/137) |

Quadro 18 - Condição actual perante o trabalho mãe

|                                         | N   | %                |
|-----------------------------------------|-----|------------------|
| Exerce uma profissão                    | 50  | 22,8%            |
| Ocupa-se das tarefas do lar             | 27  | 12,3%            |
| Reformado                               | 116 | 53,0%            |
| Incapacidade permanente para o trabalho | 3   | 1,4%             |
| Desempregado                            | 19  | 8,7%             |
| Outra situação                          | 4   | 1,8%             |
| Total                                   | 219 | 100,0%           |
| NR                                      | 18  | 7,6%<br>(18/237) |

Quadro 19- Meios de vida do agregado familiar actual: Cônjuge

|                        | N   | %               |
|------------------------|-----|-----------------|
| Trabalho               | 104 | 57,8%           |
| A cargo da família     | 33  | 18,3%           |
| Subsídio de desemprego | 6   | 3,3%            |
| Outros subsídios       | 37  | 20,6%           |
| Total                  | 180 | 100,0%          |
| NR                     | 6   | 3,2%<br>(6/186) |

Quadro 20- Meios de vida do agregado familiar actual: Pai

|                            | N   | %            |
|----------------------------|-----|--------------|
| Trabalho                   | 40  | 30,1%        |
| A cargo da família         | 1   | ,8%          |
| Subsídio de desemprego     | 3   | 2,3%         |
| Rendimentos de propriedade | 1   | ,8%          |
| Outros subsídios           | 80  | 60,2%        |
| Outra situação             | 8   | 6,0%         |
| Total                      | 133 | 100,0%       |
| NR                         | 4   | 2,9% (4/137) |

Quadro 21- Meios de vida do agregado familiar actual: Mãe

|                            | N   | %             |
|----------------------------|-----|---------------|
| Trabalho                   | 50  | 22,9%         |
| A cargo da família         | 28  | 12,8%         |
| Subsídio de desemprego     | 6   | 2,8%          |
| Rendimentos de propriedade | 2   | 0,9%          |
| Outros subsídios           | 132 | 60,6%         |
| Total                      | 218 | 100,0%        |
| NR                         | 19  | 8,0% (19/237) |

Quadro 22 - Condição perante o trabalho do próprio/condição perante o trabalho do cônjuge

| Próprio                                 | Cônjuge              |        |                             |        |           |        |                                         |        |              |        |                |        |       |        |
|-----------------------------------------|----------------------|--------|-----------------------------|--------|-----------|--------|-----------------------------------------|--------|--------------|--------|----------------|--------|-------|--------|
|                                         | Exerce uma profissão |        | Ocupa-se das tarefas do lar |        | Reformado |        | Incapacidade permanente para o trabalho |        | Desempregado |        | Outra situação |        | Total |        |
|                                         | nº                   | %      | nº                          | %      | nº        | %      | nº                                      | %      | nº           | %      | nº             | %      | nº    | %      |
| Exerce uma profissão                    | 64                   | 59,3%  | 5                           | 38,5%  | 0         | 0,0%   | 1                                       | 100,0% | 14           | 24,6%  | 0              | 0,0%   | 84    | 45,4%  |
| Ocupa-se das tarefas do lar             | 1                    | 0,9%   | 0                           | 0,0%   | 0         | 0,0%   | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 0              | 0,0%   | 1     | 0,5%   |
| Reformado                               | 0                    | 0,0%   | 0                           | 0,0%   | 0         | 0,0%   | 0                                       | 0,0%   | 2            | 3,5%   | 0              | 0,0%   | 2     | 1,1%   |
| Incapacidade permanente para o trabalho | 2                    | 1,9%   | 0                           | 0,0%   | 0         | 0,0%   | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 0              | 0,0%   | 2     | 1,1%   |
| Desempregado                            | 40                   | 37,0%  | 8                           | 61,5%  | 3         | 75,0%  | 0                                       | 0,0%   | 41           | 71,9%  | 2              | 100,0% | 94    | 50,8%  |
| Outra situação                          | 1                    | 0,9%   | 0                           | 0,0%   | 1         | 25,0%  | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 0              | 0,0%   | 2     | 1,1%   |
| Total                                   | 108                  | 100,0% | 13                          | 100,0% | 4         | 100,0% | 1                                       | 100,0% | 57           | 100,0% | 2              | 100,0% | 185   | 100,0% |

Quadro 23 – Condição perante o trabalho do próprio/condição perante o trabalho do pai

| Próprio                                 | Pai                  |        |           |        |                                         |        |              |        |       |        |
|-----------------------------------------|----------------------|--------|-----------|--------|-----------------------------------------|--------|--------------|--------|-------|--------|
|                                         | Exerce uma profissão |        | Reformado |        | Incapacidade permanente para o trabalho |        | Desempregado |        | Total |        |
|                                         | nº                   | %      | nº        | %      | nº                                      | %      | nº           | %      | nº    | %      |
| Exerce uma profissão                    | 16                   | 42,1%  | 22        | 31,4%  | 0                                       | 0,0%   | 2            | 25,0%  | 40    | 33,3 % |
| Ocupa-se das tarefas do lar             | 0                    | 0,0%   | 1         | 1,4%   | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 1     | 0,8%   |
| Estudante                               | 2                    | 5,3%   | 0         | 0,0%   | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 2     | 1,7%   |
| Reformado                               | 0                    | 0,0%   | 1         | 1,4%   | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 1     | 0,8%   |
| Incapacidade permanente para o trabalho | 1                    | 2,6%   | 4         | 5,7%   | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 5     | 4,2%   |
| Desempregado                            | 18                   | 47,4%  | 42        | 60,0%  | 4                                       | 100,0% | 6            | 75,0%  | 70    | 58,3%  |
| Outra situação                          | 1                    | 2,6%   | 0         | 0,0%   | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 1     | 0,8%   |
| Total                                   | 38                   | 100,0% | 70        | 100,0% | 4                                       | 100,0% | 8            | 100,0% | 120   | 100,0% |

Quadro 24- Condição perante o trabalho do próprio/condição perante o trabalho da mãe

| Próprio                                 | Mãe                  |        |                             |        |           |        |                                         |        |              |        |                |        |       |        |
|-----------------------------------------|----------------------|--------|-----------------------------|--------|-----------|--------|-----------------------------------------|--------|--------------|--------|----------------|--------|-------|--------|
|                                         | Exerce uma profissão |        | Ocupa-se das tarefas do lar |        | Reformado |        | Incapacidade permanente para o trabalho |        | Desempregado |        | Outra situação |        | Total |        |
|                                         | nº                   | %      | nº                          | %      | nº        | %      | nº                                      | %      | nº           | %      | nº             | %      | nº    | %      |
| Exerce uma profissão                    | 15                   | 33,3%  | 7                           | 28,0%  | 31        | 28,4%  | 0                                       | 0,0%   | 6            | 33,3%  | 2              | 50,0%  | 61    | 29,9%  |
| Estudante                               | 1                    | 2,2%   | 1                           | 4,0 %  | 1         | 0,9%   | 0                                       | 0,0%   | 1            | 5,6%   | 0              | 0,0%   | 4     | 2,0%   |
| Reformado                               | 0                    | 0,0%   | 0                           | 0,0%   | 3         | 2,8%   | 1                                       | 33,3%  | 0            | 0,0%   | 0              | 0,0%   | 4     | 2,0%   |
| Incapacidade permanente para o trabalho | 0                    | 0,0%   | 2                           | 8,0%   | 5         | 4,6%   | 0                                       | 0,0%   | 0            | 0,0%   | 0              | 0,0%   | 7     | 3,4%   |
| Desempregado                            | 29                   | 64,4%  | 14                          | 56,0%  | 67        | 61,5%  | 2                                       | 66,7%  | 10           | 55,6%  | 2              | 50,0%  | 124   | 60,8%  |
| Outra situação                          | 0                    | 0,0%   | 1                           | 4,0%   | 2         | 1,8%   | 0                                       | 0,0%   | 1            | 5,6%   | 0              | 0,0%   | 4     | 2,0%   |
| Total                                   | 45                   | 100,0% | 25                          | 100,0% | 109       | 100,0% | 3                                       | 100,0% | 18           | 100,0% | 4              | 100,0% | 204   | 100,0% |

Quadro 25- Três situações que melhor definem o seu dia a dia

|                                                                         | Total |       |
|-------------------------------------------------------------------------|-------|-------|
|                                                                         | nº    | %     |
| Fica a dormir grande parte do dia                                       | 39    | 6,7%  |
| Fica todo o dia em casa a ver televisão                                 | 167   | 28,6% |
| Fica todo o dia em casa a ler                                           | 57    | 9,7%  |
| Tarefas domésticas                                                      | 249   | 42,8% |
| Passa o dia com amigos no café na sua residência                        | 29    | 5,0%  |
| Sai para se encontrar com amigos longe do local onde reside             | 123   | 21,1% |
| Regressou à escola para elevar a sua formação                           | 65    | 11,2% |
| Dedica-se a actividades culturais                                       | 41    | 7,0%  |
| Dedica-se a actividades de voluntariado                                 | 16    | 2,7%  |
| Dedica o seu tempo a procurar emprego                                   | 119   | 20,4% |
| Dedica-se à execução de “biscates”                                      | 131   | 22,5% |
| Não sabe como preencher o tempo                                         | 61    | 10,5% |
| Envolve-se em práticas ilegais para ganhar algum dinheiro               | 22    | 3,8%  |
| Envolve-se em grupos que preenchem o dia provocando as pessoas em geral | 3     | ,5%   |
| Dedica-se à prática desportiva                                          | 50    | 8,6%  |
| Dedica-se a uma actividade profissional                                 | 160   | 27,5% |
| Outra                                                                   | 101   | 17,4% |
| Cuidar dos filhos                                                       | 41    |       |
| Navegar na internet                                                     | 15    |       |
| Cuidar dos pais                                                         | 10    |       |
| Passear                                                                 | 20    |       |
| Consumir                                                                | 3     |       |
| Tocar instrumento musical                                               | 7     |       |
| Pinta e escreve                                                         | 5     |       |
| Total                                                                   | 582   | 100%  |

Quadro 26- Qual o número de tratamentos que realizou até à data

|       | Total |                   |
|-------|-------|-------------------|
|       | Nº    | %                 |
| 1     | 244   | 47,5%             |
| 2     | 127   | 24,7%             |
| 3     | 57    | 11,1%             |
| 4     | 28    | 5,4%              |
| 5     | 23    | 4,5%              |
| 6     | 9     | 1,8%              |
| 7     | 2     | ,4%               |
| +7    | 24    | 4,7%              |
| Total | 514   | 100,0%            |
| NR    | 68    | 11,7%<br>(68/582) |

Quadro 27 - Há quanto tempo se encontra no actual programa de substituição?

|              | nº  | %                |
|--------------|-----|------------------|
| < 1 ano      | 97  | 24,7%            |
| [1 a 3[ anos | 97  | 24,7%            |
| [3 a 5[ anos | 60  | 15,3%            |
| [5 a 7[ anos | 36  | 9,2 %            |
| > 7 anos     | 106 | 27,9%            |
| Total        | 392 | 100,0%           |
| N Sabe/NR    | 186 | 32%<br>(186/582) |

Quadro 28- Tipo de tratamentos que lhe foram aplicados

|                                               | Total |                   |
|-----------------------------------------------|-------|-------------------|
|                                               | nº    | %                 |
| Antagonistas (Ex: Antaxone, Basinal, Narolex) | 128   | 25,9%             |
| Agonistas (ex: Metadona, Sobutex)             | 390   | 83,4%             |
| Programa livre de drogas                      | 37    | 7,2%              |
| Total                                         | 555   | 100,0%            |
| Acompanhamento psicossocial                   | 61    | 10,9%<br>(61/555) |
| NR                                            | 27    | 4,6%<br>(27/582)  |